

## **Produção da reportagem “Natal de Allah: a vida e a fé de muçulmanos que vivem na capital potiguar”<sup>1</sup>**

Luciano VAGNO<sup>2</sup>

Janaina Dias BARCELOS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o processo de produção da reportagem “Natal de Allah: A vida e a fé de muçulmanos que vivem na capital potiguar”. Nesse artigo, apresentamos dados sobre o Islamismo – segunda maior religião do mundo – e nossa fundamentação teórica – que sustenta nosso percurso tendo por base o Jornalismo Literário e os conceitos de reportagem e perfil jornalístico –, bem como descrevemos a metodologia de nossa produção. Também trazemos, brevemente, o relato da experiência na execução desse projeto, produzido a partir de entrevistas com muçulmanos que se congregam na “Mesquita Maria, a Mãe de Jesus”, em Natal-RN. Por meio dessa reportagem pudemos observar que há, na capital potiguar, uma comunidade islâmica e, assim, levar informação sobre o Islamismo, contando as histórias de fiéis, a fim de colaborar no combate à intolerância religiosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reportagem; Islamismo; Muçulmanos; Mesquita; Natal-RN.

### **INTRODUÇÃO**

A diversidade religiosa ao redor do mundo é enorme. Segundo Albuquerque (2022), as religiões estão presentes na humanidade há mais de quatro mil anos. A ligação do homem à espiritualidade influencia em seu comportamento enquanto indivíduo social.

Na Península Arábica, mais precisamente onde hoje é a Arábia Saudita, no Século VII d.c., surgiu uma das maiores religiões do mundo: o Islamismo. Segundo a Federação das Associações Muçulmanas do Brasil (Fambras), o número mundial de muçulmanos, isto é, de indivíduos que confessam a fé no Islã, como também é conhecido, atualmente, é de cerca de 1,8 bilhão, o que representa, aproximadamente, 25% da população mundial.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: [luvgno2016@gmail.com](mailto:luvgno2016@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social da UFRN, e-mail: [janaina.barcelos@ufrn.br](mailto:janaina.barcelos@ufrn.br).

A religião teve início no ano 570 d. C., com o nascimento do profeta Mohammed, ou Maomé, em português – para os crentes, o último dos profetas de Deus. Conforme a crença, no ano 610 d. C., enquanto estava em um retiro espiritual, Maomé, então com 40 anos de idade, recebeu a visita do anjo Gabriel, que lhe trouxe a primeira revelação de Deus.

Conforme Blanc (2021), as revelações teriam continuado por mais 23 anos, até a morte do profeta. Em vida, Maomé compartilhou a mensagem vinda do Divino com sua família e amigos, dando início aos ensinamentos da religião islâmica.

Al-Khazraji (2014) conta que a crença islâmica possui cinco fundamentos: I) a fé em Allah; II) a fé nas profecias; III) a fé na justiça; IV) a fé em líderes espirituais eleitos por Deus; e V) a fé na eternidade, no Dia do Julgamento e na existência do paraíso e do inferno (al mâád).

No Islamismo, fé e obras andam lado a lado. Segundo Al-Khazraji (2014, p. 31), “a fé é validada pela sua expressão nas ações, e não por uma mera declaração da língua”. O autor explica que a reverência a Allah é evidenciada através de determinadas ações.

Blanc (2021) enumera essas ações, tidas como preceitos do Islamismo. O primeiro é a Profissão de Fé, em que, ao converter-se à religião, o fiel confirma que “existe um único Deus e Maomé é o seu profeta” (BLANC, 2021, p. 131). O seguinte são cinco orações diárias obrigatórias. O terceiro é o jejum durante o Ramadã, mês lunar sagrado para os muçulmanos. O próximo é a doação de dinheiro. E o último é a peregrinação à cidade de Meca, na Arábia Saudita, que deve ser realizada por todo muçulmano, caso tenha condições de saúde e financeira, pelo menos uma vez na vida.

Segundo estudo do *Pew Research Center*, a estimativa é que o grupo religioso continue a aumentar nos próximos anos, chegando a 2,8 bilhões em todo o mundo, atrás, apenas, do número de cristãos, com 2,9 bilhões. Embora o berço do Islamismo seja o Oriente Médio, os fiéis estão espalhados por todo o mundo. Conforme o site DadosMundiais.com, os países com o maior número de seguidores da religião são Indonésia, Paquistão, Índia e Bangladesh.

No Brasil, onde a maioria da população segue religiões cristãs, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes a 2010, havia, naquele ano, pouco mais de 35 mil muçulmanos. No Rio Grande do Norte, contudo, a presença de uma comunidade islâmica ainda é desconhecida por parte da população potiguar, especificamente, em Natal, na capital do estado.

Dessa forma, este trabalho tem o objetivo de mostrar que há, na capital do Rio Grande do Norte, a presença muçulmana. Para isso, realizamos uma reportagem com membros da comunidade islâmica potiguar, apresentando e contando as histórias de homens e mulheres que creem nas mensagens deixadas por Maomé. Nosso trabalho objetiva, ainda, colaborar no combate ao preconceito direcionado a essa população, cujo fomento vem, principalmente, dos estereótipos difundidos nas imagens e discursos da mídia hegemônica.

## **DESENVOLVIMENTO**

Nosso trabalho resulta na reportagem, intitulada “Natal de Allah: A vida e a fé de muçulmanos que vivem na capital potiguar”, produzida no período de 2022 a 2023. Sodré e Ferrari (1986) apresentam o gênero jornalístico reportagem como:

o desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder [...] uma narrativa, não regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia a dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11)

Os autores ainda enumeram as seguintes características da reportagem: predominância da forma narrativa; humanização do relato; texto de natureza impressionista; e objetividade dos fatos narrados. Algumas dessas características, assim como declaram os autores, podem aparecer mais do que outras, sobretudo, a predominância da narrativa.

Para a realização de nosso projeto, trabalhamos a partir da perspectiva do Jornalismo Literário. Pena (2008, p. 14) discorre que a preocupação dessa modalidade é “contextualizar a informação da forma mais abrangente possível”, seguindo tanto as técnicas de apuração jornalística, quanto empregando recursos literários na construção da

narrativa. O autor explica que, para isso, é necessário “mastigar”, detalhar as informações, relacionando-as com outros fatos, comparando-as com diferentes abordagens. Para esta proposta, adotamos a abordagem da estrela de sete pontas, mencionada no referencial teórico deste relatório técnico (PENA, 2008).

Pena (2008, p. 13) apresenta sete características dessa narrativa, as quais ele classifica como “estrela de sete pontas” e nosso trabalho buscou seguir, então, os seguintes:

I) potencializar os recursos do Jornalismo, uma vez que o Jornalismo Literário não deixa de lado os ensinamentos do Jornalismo diário, nem mesmo rejeita suas técnicas de narrativa, pelo contrário, desenvolve-as, construindo, assim, novas estratégias da prática profissional;

II) ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, isto é, romper com a periodicidade e com a atualidade imediata;

III) proporcionar uma visão ampla da realidade, contextualizando a informação de maneira abrangente;

IV) exercer a cidadania, aproximando os seguidores do Islã – através de suas histórias – dos não muçulmanos, colaborando para disseminar informações de qualidade e combater o preconceito;

V) romper com as correntes do lead, pois o Jornalismo Literário nos permite utilizar a criatividade para discorrer o texto;

VI) evitar os definidores primários, ou seja, sujeitos cuja atenção da sociedade recai sobre eles. O foco de nosso trabalho foi trazer perfis de pessoas “comuns”, porém, singulares, cujas histórias, importantes, ajudam a entender o grupo social em que estão inseridas e suas questões;

VII) possuir perenidade, isto é, não perder sua atualidade, pois o tema permanece relevante mesmo com o passar do tempo, e a narrativa se mantém social e culturalmente atual.

Nessa linha, desenvolvemos as histórias relatadas em formato de perfil, cujo foco, segundo Vilas Boas (2003, p. 2), é o personagem: “a experiência humana é a nossa principal referência”. Na obra “Perfis: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio” (2014), o autor ressalta que perfis se destacam ao causar reflexões sobre o que foi dito e vivido pelo personagem. Ele ainda aconselha que:

Para produzir um bom perfil, é preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir. Tudo dentro do possível, claro, pois cada caso é um caso. Você tem de pesquisar os contextos socioculturais da pessoa; conversar com ela e com as pessoas de seu círculo de relacionamentos; movimentar-se com ela por locais diversos; tem de observar as linguagens verbais e não verbais. (VILAS BOAS, 2014, p. 274)

Segundo Sodré e Ferrari (1986, p. 126), o perfil jornalístico é focado no indivíduo, que se torna personagem – principal – da história, o qual os autores definem como “protagonista”.

Para isso, realizamos entrevistas jornalísticas, um dos pilares da apuração. Lage (2005) explica que esse procedimento tem o objetivo, geralmente, de coletar interpretações e reconstruções de fatos. Nosso produto, uma reportagem, tem como característica a profundidade das histórias nele retratadas, uma vez que focamos no formato perfil. Nessa perspectiva, o autor ressalta que:

O objetivo [da entrevista] não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada a um aspecto de sua vida. (LAGE, 2005, p. 75)

Assim, realizamos, de abril a novembro de 2022, entrevistas com membros da Comunidade Muçulmana do Rio Grande do Norte. Algumas entrevistas e checagens para atualizações foram realizadas em 2023, antes da finalização da edição final e da diagramação. Prestes a terminar o Ramadã daquele ano, fomos, pela primeira vez, à “Mesquita Maria, a Mãe de Jesus”, localizada no bairro Ponta Negra, em Natal. Até então, este era o primeiro templo muçulmano de que se tinha notícia em todo o estado.

Figura 1 - Fachada da “Mesquita Maria, a Mãe de Jesus”



Foto: Luciano Vagno

Acompanhado de um bloco de anotações e de um aparelho de telefone celular, modelo Samsung Galaxy A31, este pesquisador e repórter conheceu muçulmanos e muçulmanas de diversas idades, cores, sotaques e nacionalidades. Homens e mulheres, com diferentes vivências e gostos, tinham questões em comum. A principal delas é o amor por Allah e dedicação às obras no templo.

Na mesquita, pudemos conhecer nomes e rostos de pessoas cuja existência, enquanto grupo religioso, é desconhecida para a maioria da população potiguar. Podemos constatar esse desconhecimento com base em conversas informais com pessoas de diversas esferas sociais. Assim, esse trabalho atua com o objetivo de criar um espaço de visibilidade aos seguidores de Allah que vivem na capital potiguar.

Somado ao desconhecimento da comunidade islâmica na cidade, a imagem dos fiéis islâmicos retratada, muitas vezes, pela mídia hegemônica, possui, geralmente, uma narrativa limitada e negativamente estereotipada, classificando-os como responsáveis por atos terroristas, indivíduos opressores e, no caso das mulheres, oprimidas. Dessa forma, nota-se que a desinformação sobre a população muçulmana de Natal pode favorecer o preconceito contra esse grupo religioso, postura que recebe o nome de islamofobia.

Podemos observar um impulso nesse tipo de preconceito após casos de atentados terroristas protagonizados por grupos extremistas que baseiam os atos criminosos em interpretações deturpadas do Alcorão. Exemplos são o 11 de Setembro, o atentado ao jornal francês Charlie Hebdo, em 2015, e a atuação terrorista do Estado Islâmico (EI) no Oriente Médio. Alves (2015) descreve que “o Islã não é um sistema moral, político, econômico e religioso de banalização da vida, de valorização da morte, de fomento à violência, de provocação ao terror”. Tal afirmação pode ser confirmada pelo próprio livro sagrado dos muçulmanos, o Alcorão, que diz “[...] quem matar uma pessoa, sem que esta tenha cometido homicídio ou semeado a corrupção na terra, será considerado como se tivesse assassinado toda a humanidade” (ALCORÃO, 5, 32).

Casos de islamofobia também foram relatos por alguns de nossos entrevistados, sobretudo, pelas mulheres. Khadija Galvão, na época com 46 anos, relatou que, enquanto andava pelas ruas de Natal, homens começaram a reproduzir sons caricatos da língua árabe. Valiene Alexandrino, que estava com 27 anos durante a produção de nosso trabalho, contou que, em 2015, enquanto se aproximava de um ponto de ônibus, em Natal, dois homens se aproximaram e, um de cada lado, passaram a empurrá-la, falando sobre o atentado terrorista ao jornal francês Charlie Hebdo, ocorrido naquele ano. Isabela Matis, de 22 anos na época, descreveu o episódio em que perdeu uma vaga de emprego em razão do uso de seu *hijab*, véu usado pelas mulheres muçulmanas ao redor da cabeça, cobrindo cabelo, orelhas e pescoço.

A comunidade muçulmana potiguar também é formada por não brasileiros, como o sheikh Mussa Teuda, na época com 26 anos. O líder religioso nasceu em Guiné-Bissau, e está no Rio Grande do Norte desde março de 2022. É ele quem ensina e orienta os fiéis na “Mesquita Maria, a Mãe de Jesus”.

Da mesma forma, o muçulmano Salimo Normomade, então com 70 anos, nasceu no continente africano, mais precisamente em Moçambique. O religioso é percussor do Islamismo em Natal. Após chegar à cidade, em 2007, não encontrou outros muçulmanos, tampouco um templo islâmico. Assim, o moçambicano fundou, naquele ano, a “Mesquita Maria, a Mãe de Jesus”.

Como conta Normomade, o número de seguidores do Islã no estado nordestino ainda é baixo, embora os primeiros muçulmanos tenham chegado ao país por volta de 1500. Al-Khazraji (2015, p. 86) confirma que “o Islamismo na África subsaariana repercutiu de forma indireta na história do Brasil colonial, uma vez que muitos escravos trazidos ao país praticavam o Islamismo”.

## CONCLUSÃO

O tema dessa pesquisa é de grande interesse para este pesquisador e repórter, embora não seja adepto da religião, e isso confirma o que foi dito por Oyama (2009, p. 28), ao apontar que “quando um repórter tem genuína curiosidade sobre o entrevistado ou sobre o assunto do qual ele trata isso, fica evidente na maneira como ele se comporta, reage e fala – e isso estimula o entrevistado a expor-se cada vez mais”. Isso pôde ser percebido, em nosso processo de produção, em determinados momentos. Por exemplo, ao perceberem que havia interesse genuíno por sua história, os entrevistados mostraram-se à vontade para expor histórias íntimas, sensíveis e, muitas vezes, dolorosas. Recordamos que, em certo momento, a entrevistada Soraya Mohamed, então com 52 anos, declarou que havia muita coisa a ser dita, sobre ela e sobre a religião, ainda tão desconhecida pela população potiguar.

Ao serem entrevistados, nossos personagens tenderam a construir relatos biográficos. Como define Pena (2008, p. 72), esse gênero textual, “na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma cronológica, na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente”.

Durante a elaboração deste trabalho, foi percebido o compromisso dos muçulmanos e das muçulmanas que vivem em Natal de apresentar a religião e suas experiências de fé. A “Mesquita Maria, a Mãe de Jesus” conta com um grande número de obras literárias sobre o Islamismo, seja exemplares do Alcorão ou livros com perguntas e respostas, que estão à disposição da sociedade.

Após a apresentação de nosso trabalho, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pudemos ouvir o relato de pessoas que não tinham ciência da existência



da comunidade islâmica em Natal, que só cresce. Em 2023, o número de templos muçulmanos triplicou: além da “Mesquita Maria, a Mãe de Jesus”, foram inaugurados o “Centro Islâmico de Natal – Mesquita Omar”, localizada no bairro Alecrim, e a “Mesquita de Petrópolis”, no bairro Petrópolis.

Dessa forma, esperamos que nosso trabalho cumpra o objetivo de colaborar para espalhar a voz dos muçulmanos e ampliar a visibilidade do grupo religioso, cuja existência ainda é desconhecida por parte da população natalense. E que vá além: ajude a combater, através da informação, a intolerância religiosa.

## REFERÊNCIAS

AL-KHAZRAJI, Xeiq ue Taleb Hussein. **Islamismo**. São Paulo: Balaetra, 2014.

ALBUQUERQUE, Dominique. As 7 religiões mais antigas do mundo. **SoCientífica**. Atualizado em 18 nov. 2022. Disponível em: [https://societificacom.br/as-7-religoes-mais-antigas-do-mundo/?utm\\_content=expand\\_article](https://societificacom.br/as-7-religoes-mais-antigas-do-mundo/?utm_content=expand_article). Acesso em: 22 mai. 2023.

ALVES, Paulo Cesar Corrêa Alves. **Jornalismo e Religião: A imagem que a mídia constrói do islamismo nos pós-atentados**. 2015. Monografia, Curso Comunicação Social – Jornalismo, Universidade do Estado de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/19622544/Jornalismo\\_e\\_Religi%C3%A3o\\_a\\_imagem\\_que\\_a\\_m%C3%ADdia\\_produz\\_do\\_islamismo\\_nos\\_p%C3%B3s\\_atentados](https://www.academia.edu/19622544/Jornalismo_e_Religi%C3%A3o_a_imagem_que_a_m%C3%ADdia_produz_do_islamismo_nos_p%C3%B3s_atentados). Acesso em: 25 jul. 2023

BLANC, Claudio. **As religiões do mundo**. Barueri, SP: Camelot, 2021.

DADOSMUNDIAIS.COM. **Propagação do Islã**. Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/religoes/isla.php>. Acesso em: 22 mai. 2023.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES MUÇULMANAS DO BRASIL. **Perguntas frequentes**. Disponível em: <https://www.fambras.org.br/perguntas-frequentes>. Acesso em: 29 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Geográfico**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 6 jun. 2023.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de Reportagem**: notas sobre a narrativa jornalísticas. São Paulo: Summus, 1986.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEW RESEARCH CENTER. **Projected Changes in the Global Muslim Population**. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2015/04/02/muslims>. Acesso em: 22 mai. 2023.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio. Barueri, SP: Manole, 2014.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.